



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE CRIANÇAS PEQUENAS:
UM ESTUDO DE CASO**

JÉSSICA DA SILVA DE ANDRADE

RIO DE JANEIRO

2016

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE CRIANÇAS PEQUENAS:
UM ESTUDO DE CASO

JÉSSICA DA SILVA DE ANDRADE

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2016

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE CRIANÇAS PEQUENAS:
UM ESTUDO DE CASO

JÉSSICA DA SILVA DE ANDRADE

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Adrienne Ogeda Guedes

Departamento de Didática – Escola de Educação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*A alegria não chega apenas no encontro do
achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar
e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da
boniteza e da alegria.*

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre sonharam em me ver chegar até aqui e em especial ao meu filho, que trouxe, junto com seu nascimento, toda a força de vontade para a finalização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão primeiramente a cada um de meus queridos professores por serem muitas vezes bem mais que professores e por me ensinarem a realizar um trabalho que me enche de amor, alegria e esperança.

Em especial ao meu querido orientador, Márcio da Costa Berbat por sua humanidade, boa vontade, parceria e infinita paciência dedicada aos meus inúmeros percalços durante esse trajeto.

A professora Adrienne Ogeda Guedes, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Agradecer a minha mãe, que nunca deixou de acreditar, confortar e aplaudir, antes mesmo que as cortinas se levantassem.

Ao meu pai por sua tamanha força, dedicação, lealdade e estímulo, ao meu companheiro por ouvir, opinar e apoiar ativamente, ao meu filho, por me trazer tamanha força de vontade e a cada conhecido ou desconhecido, que de alguma forma, direta ou indireta, contribuiu para que eu pudesse finalizar este ciclo.

A todos vocês, o meu muito obrigada.

JÉSSICA DA SILVA DE ANDRADE. **A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA DE CRIANÇAS PEQUENAS: UM ESTUDO DE CASO.** Brasil, 2016, 31 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

Este trabalho busca discutir a parceria família e escola no sentido de garantir um ensino pleno e de qualidade para as nossas crianças. A educação dos filhos pode interferir no desenvolvimento infantil diante de todas as transformações que o mundo contemporâneo vem sofrendo? A participação ativa dos pais na vida escolar de seus filhos faz alguma diferença no processo de aquisição de aprendizagem? Essas reflexões são analisadas através de uma pesquisa qualitativa e o método utilizado foi à observação em campo. Após um aprofundamento das análises coletadas, foi possível verificar que para que haja um melhor funcionamento do cotidiano escolar e do processo de aprendizagem infantil, a família e a escola devem seguir em parceria.

Palavras-chave: Família, Escola, Participação, Desenvolvimento.

ABSTRACT

This paper discusses the partnership between family and school in order to ensure a full and quality education for our children. The education of children may interfere with child development before all the changes that the contemporary world is suffering? The active participation of parents in school life of their children makes a difference in the acquisition process of learning? These reflections are analyzed through a qualitative research and the method used was the observation in the field. After a deepening of collected analyzes, we found that so there is a better functioning of the school routine and the children's learning process, the family and the school must follow in partnership.

Keywords: Family, School, Participation, Development.

INDICE DE SIGLAS

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Resumo	07
Introdução	10
Capítulo 1: Início de Conversa	
1.1: Diálogos sobre a Relação Família e Escola	14
1.2: A participação Contemporânea	18
Capítulo 2: A Escola Roda Viva	
2.1: Localização da Escola	23
2.2: Origem da Escola	23
2.3: Rotina da Escola	24
2.4: Projeto Político Pedagógico da Escola	25
Capítulo 3: Análise dos Dados	
3.1: Refletindo sobre a Participação da Família na Escola	23
Considerações Finais	29
Referências Bibliográficas	31

Introdução

Definir o tema desta monografia não foi uma tarefa fácil. A única coisa que sabia, é que deveria começar a escrever sobre algo que de fato fosse um motivo de inquietação. Em fevereiro de 2014, comecei a trabalhar numa escola privada e de alto poder aquisitivo do Rio de Janeiro. Antes de iniciar a minha trajetória nesta escola, tive uma breve experiência como monitora de matemática em um projeto governamental numa instituição de educação pública.

Os contrastes e diferenças de comportamentos, nível escolar, problemas pedagógicos e entre outros, eram gritantes. Com o passar dos meses, ver o cotidiano dos alunos e seus dramas começou a me inquietar bastante, o que me moveu o suficiente para começar em pensar em fazer disso, o meu trabalho de conclusão de curso.

O estágio foi realizado na coordenação do horário extensivo, que oferece atividades culturais, artísticas, esportivas e pedagógicas no contra turno das atividades curriculares. Possuem atividades para todos os segmentos, tais como: Artes, Artesanato, Dança, Circo, Violão, Ginástica Olímpica, Capoeira, Yoga, Teatro, Futsal, apoio pedagógico e entre outras. O setor é bastante novo (por volta de quatro anos) dentro do universo da escola, que já possui muitos anos no mercado, e conta com uma equipe bem pequena, principalmente se comparado à equipe curricular. Ao longo do dia é necessário que cada funcionário/estagiário, diversifique suas funções e atuem como enfermeiros, professores, orientadores pedagógicos e até mesmo pais desses alunos.

Atualmente, a escola vem revendo a significação desse setor e aos poucos aumentando a equipe e os olhares de estrutura e tratamento. Apesar dos problemas, a proposta de uma educação integral, ainda mais em se tratando dos tempos atuais, vem como uma grande parceira das famílias, abrangendo toda uma gama de necessidades dos pais que precisam deixar seus filhos na escola desde a manhã até a noite.

Sendo assim, esse é o público que frequenta tais atividades: criança as quais precisam ter seus dias completamente preenchidos seja porque os pais preferem deixá-las na escola em atividades mais produtivas do que com a babá em casa, ou pela necessidade

atual de uma sociedade que diz não ao ócio criativo. A criança precisa ter todas as horas de seu dia ocupadas com a natação, aulas de inglês, aula de violão e entre tantos outros compromissos, caso contrário, muito provavelmente será um adulto inferior e fracassado em sua vida profissional.

Atrelado a essa necessidade dos pais, a escola visa fornecer um planejamento que contemple as necessidades gerais do aluno, afinal educação em tempo integral na escola não indica necessariamente uma educação integral, e vice-versa, mas reforça que essa concepção de educação precisa instituir um espaço que, intencionalmente a contemple. Aumentar o tempo do aluno na sala de aula não é por si só, capaz de transformar para melhor as experiências escolares.

Por outro lado, se a educação integral exige, na teoria, mais tempo disponível de alunos e professores, como preencher essas horas a mais com atividades conectadas ao currículo básico, não apenas tornando-as um momento "livre" para jogar bola, usar o computador sem supervisão, adiantar a tarefa de casa ou ficar à toa no pátio esperando a hora de ir pra casa? Afinal, a educação integral não consiste apenas em estender o horário. O aluno precisa ter garantidas as educações afetivas, moral, esportiva, política. Não é só a educação cognitiva, mas todo esse universo.

A educação integral não é como geralmente se crê, a acumulação forçada dum número infinito de noções sobre tudo; é a educação que tende a cultivar, a desenvolver paralela e harmonicamente todas as faculdades do ser humano, saúde – portanto força e beleza – agilidade, inteligência, felicidade – bondade, portanto. Abraça as divisões habituais chamadas educação física, educação intelectual, educação moral, e a mais indica entre elas relações contínuas (ROBIN, 1903, p. 41).

De fato, a escola cumpre esse papel e oferece um currículo extenso, com atividades para todos os gostos, ajudando talvez, na desculpa que alguns pais podem ter para deixarem crianças tão pequenas, por tantas horas, fora de suas casas por simplesmente não suportarem suas crianças dentro de casa por serem “terríveis”, como ouvi em alguns casos. Crianças essas, que são frutos da falta de limites de seus próprios pais.

Durante um ano trabalhando neste setor, apesar de não acompanhar o cotidiano

curricular dessas crianças, era facilmente perceptível que os alunos que frequentemente vinham à Coordenação com problemas de indisciplina, emocionais e entre outros, eram aqueles que estavam forçadamente naquele espaço. A maioria dessas crianças sempre chegava muito antes do horário necessário, quase sempre bagunçado, com o uniforme sujo e cabelo despenteado e muitas vezes chorando ou até mesmo doentes. Nós, ou seja, a escola é quem fazia o papel de acolher, conversar, orientar e em muitos casos, medicar. Ao final de cada semestre, cada atividade do extensivo costuma fazer uma aula aberta ou apresentação final para os pais. Na maior parte das vezes (ou em nenhuma delas), os pais dessas crianças não participavam. Ou seja, em contrapartida a toda parte positiva que o horário extensivo trás no sentido acadêmico, temos o fato de que para muitas famílias, o espaço é quase que um depósito onde deixam seus filhos enquanto não podem ou não querem cuidar.

Ao longo desse período, comecei a refletir e ver de perto, o quanto a participação dos pais na vida escolar do filho. Durante esse ano, simultaneamente a esse trabalho, tive a oportunidade de estagiar e vivenciar o dia a dia de uma turma da educação infantil (grupo quatro) durante quatro meses.

Depois disso, com um ano e meio dentro da escola, passei a estagiar também como professora auxiliar de uma turma de segundo ano do ensino fundamental I. Cada um desses segmentos funciona em prédios separados, e apesar de se tratarem de setores de uma só escola, funcionam de forma bem diferente. Cada uma dessas experiências começou a me trazer muitas reflexões à cerca do espaço escolar, sobre a unificação e homogeneidade de ensino, práticas pedagógicas e filosofia dentro de uma mesma instituição, participação familiar vinda de uma camada privilegiada da sociedade e entre outras. Uma das questões, A maioria dos alunos dessa escola, faz parte da elite do Rio de Janeiro. O público vai da nova geração de famílias tradicionais do Rio de Janeiro, artistas famosos, filhos de políticos e afins, que buscam uma educação mais alternativa para seus filhos.

Para tal, os capítulos foram divididos da seguinte forma, o primeiro trata do diálogo da família e da escola, na sua amplitude que a sociedade contemporânea vem discutindo e buscando interpretações. No segundo capítulo, falamos da escola, do projeto político pedagógico e rotinas na educação infantil. No terceiro capítulo, refletimos sobre a

participação da família, contextualizamos com a escola pesquisada, buscando novos olhares para compreender a relação família e escola, sem oferecer verdades, apenas situações a partir de uma vivência na educação infantil.

Capítulo 1

Diálogos sobre a Relação Família e Escola

Pensando no conceito de família de uma forma não tão abrangente (1º núcleo), temos que uma família se dá por um grupo de pessoas que vivem sob um mesmo teto, possuindo ou não laços consanguíneos. As pessoas que compõe esse núcleo são consideradas uma instituição responsável por promover e influenciar a educação de seus filhos, refletir seus valores, orientar o comportamento no meio social, ou seja, dar base ao seu processo de socialização e inclusão na sociedade.

É importante que no meio familiar haja cumplicidade, harmonia, boas relações, orientação e atenção que vão garantir a essa criança a sensação de bem estar, segurança e conforto para que esta se sinta capaz de adentrar no meio em que vive e assim ser minimamente bem sucedida em suas relações.

Atualmente vemos mudanças nas relações de trabalho que provocam grandes alterações nas relações familiares. De início, temos que o papel da mulher na sociedade moderna vem se modificando de modo que não temos mais a figura feminina como mãe nutridora da família, que cuida do lar, dos filhos e do marido, enquanto o homem tem o papel do pai provedor que banca financeiramente.

Hoje, as crianças crescem com quem cuida ou passa mais tempo com elas do que os pais: as babás, os professores / funcionários da escola e das várias atividades extras que fazem. A realidade é que o tempo de convivência com a família é atravessado por inúmeros fatores – trabalho, escola, televisão, jogos e tantas outras ofertas de atividades de lazer. A grande problemática é que essa diluição da convivência pode gerar rupturas ou lapsos na socialização que deveria ser promovida pela família.

A escola, a princípio, representa uma instituição que tem o papel de promover os saberes e difundir os conhecimentos que a sociedade considera que sejam fundamentais para se transmitir às novas gerações. Mas hoje as escolas estão assumindo funções que teoricamente se aplicam a família. No passado, as crianças já chegavam à escola conhecendo os mecanismos básicos de socialização (por favor, com licença, obrigada).

Assim, os professores tinham mais tempo para propor trabalhos diferentes e ensinar o conteúdo. Hoje o professor precisa agregar esses ensinamentos à aula juntamente com broncas e orientações por conta de um alto índice de indisciplina e agitação. Desse modo, muitas vezes o planejamento acaba não sendo cumprido. De fato, nos dias de hoje, o papel do professor amplia sua função para educador.

A escola acaba por precisar aceitar o papel de transmissora da socialização básica, na função de ajudar essas crianças a evitar problemas futuros em suas relações, como consequência da falta de orientação e intervenção de seus familiares. São facilmente notáveis ao corpo pedagógico, as crianças que possuem um acompanhamento dos pais, pois normalmente são as mais educadas, interessadas, sociáveis e que fazem as tarefas. Resumindo, as mais bem sucedidas (claro que temos as exceções). É nesse processo de apoiar o desenvolvimento integral dos alunos que o diálogo entre as duas instituições – família e escola – se torna fundamental.

A escola de hoje precisa reconhecer a necessidade de ter um papel mais abrangente na educação do aluno do que o de oferecer instrução e participar da construção cognitiva, moral e emocional de seus alunos. É fundamental se preocupar com o desenvolvimento da capacidade de pensar das crianças e da construção de seus valores morais e éticos.

Este trabalho vem buscar entender e analisar como se dá a relação da família com a escola atualmente e como ela se reflete na vida escolar do aluno. Pesquisar este tema é de extrema urgência e importância para a sociedade, visto que de fato, a parceria entre essas instituições podem ser decisivas na vida do indivíduo. A criança de hoje será o adulto de amanhã. Entrando no panorama político, ético e social de nossa sociedade, podemos perceber que cada viela da estrutura e organização do país está lançada ao caos. É através da educação, da instrução e orientação dos filhos dessa sociedade que vamos construir o futuro.

A conscientização é um compromisso histórico (...), implica que os seres humanos assumam seu papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece (...), está baseada na relação consciência-mundo (*Paulo Freire, Educação como prática da liberdade, 1977*).

Para pensar em educação, precisamos começar considerando o princípio, o papel da família durante a primeira infância e de como os estímulos e a questão da afetividade podem agir como um norte, um catalisador no processo de aprendizagem desse indivíduo que acaba de chegar ao mundo e necessita compreender como ele funciona ao seu redor.

Primeira Infância

A primeira infância é o nome dado aos primeiros anos de vida de um indivíduo e é um período marcado por intensos processos de desenvolvimento, sendo uma fase determinante para a capacidade cognitiva e de sociabilidade do indivíduo. Nesse momento, o cérebro absorve todas as informações de forma muito eficiente. Estudos realizados demonstram que é durante esse contexto que o cérebro humano realiza a maioria das ligações entre os neurônios, as chamadas sinapses. É através das sinapses que se dá o aprendizado, e quanto mais estímulos, mais sinapses vão ocorrer. Esses dados nos fazem refletir sobre a importância dos estímulos e atenção dedicados à criança durante essa etapa de suas vidas.

As crianças que se desenvolvem bem ao longo da infância, estão mais propensas a se tornarem adultos produtivos, saudáveis e bem resolvidos.

Os principais atores dessa assistência se encontram na base familiar, que vai mediar essa interação com o mundo que a cerca. Nessa fase o corpo e o cérebro da criança se impulsionam e fortalecem, ampliando, numa velocidade jamais revivida ao longo de sua vida, a capacidade de compreender e atuar no mundo. Ela aprende a andar, falar, a reconhecer a si e aos outros, a pensar e revelar seu pensamento, a ter intenções e vontades as quais já pode realizar, a se alegrar e se entristecer diante das opções que fazem por ela e das que ela própria faz e assim por diante.

A criança precisa se sentir segura, acolhida, bem cuidada, como também que seja oferecida a ela momentos onde possa socializar, desenvolver sua afetividade e sua identidade, pois o que acontece na infância, pode influenciar a vida adulta de um indivíduo

sem que nem mesmo ele perceba, por problemas oriundos de uma infância mal vivida. Pois bem, esse espaço escolar está repleto de crianças que dominam mais seus pais do que eles podem as regular. Crianças sem nenhuma autonomia, que crescem sem seus pais e são extremamente inseguras, com dificuldades em suas relações, quadro esse, que se reflete no pedagógico. Hoje, com esse modelo de sociedade hoje, muita crianças chegam carentes de muitas dessas necessidades primordiais.

Segundo Henri Wallon, a afetividade é crucial para o desenvolvimento, pois todo ser humano é afetado positiva ou negativamente e reage aos estímulos. Wallon aprofundou-se nessa questão e não coloca a inteligência como principal componente do desenvolvimento, defende que a vida psíquica é formada por três dimensões: motora, afetiva e cognitiva, que coexistem e atuam de forma integrada.

Quando uma mãe estica os braços em direção ao seu bebê que está dando seus primeiros passos, ele reage, caminhando em sua direção. Nesse momento ela está ajudando seu bebê a desenvolver suas dimensões motora e cognitiva, com base em um estímulo afetivo.

É por meio dos primeiros cuidados que a criança percebe seu próprio corpo como separado do corpo do outro, organiza suas emoções e amplia seus conhecimentos sobre o mundo. O outro é, assim, elemento fundamental para conhecimento de si. Quanto menor a criança, mais as atitudes e procedimentos de cuidado do adulto são de importância fundamental para o trabalho educativo que realiza com ela (BRASIL, 1998, p. 15-16).

O processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito, quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. Por esse motivo é de fundamental importância que o local onde uma criança está inserida durante o processo de aprendizagem seja adequado. Sendo assim, concluímos que a participação da família é crucial, no entanto, não vai surtir o melhor efeito possível se não estiver em parceria com o ambiente escolar, à medida que uma criança é inserida no mesmo. Isso significa que essas duas instituições precisam atuar de mãos dadas para o desenvolvimento pleno da criança, uma sem a outra, não faz um serviço completo.

Participação Contemporânea

Temos então, que o modelo de sociedade em que vivemos hoje, altera a forma de participação das famílias na vida escolar de seus filhos e também, a forma com a qual a escola abre suas portas às famílias. O homem é um ser social, que precisa viver e atuar em comunidade. E para que isso aconteça, é preciso que a educação aconteça em sua forma mais efetiva. Esse processo se dá quando se formam sujeitos autônomos, capazes de se relacionarem e atuarem de forma ativa no meio em que vivem. A educação precisa estar ligada íntima e verdadeiramente ao contexto social do indivíduo.

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 47).

A escola tem papel primordial na socialização da criança, na inserção do conhecimento social e no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e são responsáveis pela visão e noção de sociedade que adquirem. Ainda hoje, existe uma grande desvalorização em relação ao universo escolar infantil e tudo o que está ligado a ele. Nós, pedagogos sempre nos deparamos com uma conversa onde perguntam com o que trabalhamos. A resposta é sempre recebida com um tom de descaso.

O olhar que a sociedade carrega sobre a “escolinha de criança”, abandona o seu caráter pedagógico e formador e a resume em um espaço apenas de brincadeiras sem intencionalidade, onde as crianças gastam o tempo enquanto seus pais trabalham. A educação infantil vai muito além de se constituir num espaço pedagógico de recreações. É um ambiente que exige profissionais altamente qualificados, com propostas pedagógicas fundamentadas que sustentem suas práticas diárias na importante tarefa de ensinar e educar os nossos adultos do amanhã.

Como função social a Escola é um local onde visa a inserção do cidadão na sociedade, através da interrelação pessoal e da capacitação para atuar no grupo que convive. Forma cidadãos críticos e bem informados, em condições de compreender e atuar no mundo em que vive...A Escola tem um compromisso com a Educação, devendo atuar forma abrangente, não só tendo como objetivo a instrução. Deve manter uma visão holística, procurando avaliar, para melhorar, todos os aspetos dos quais o ser humano é constituído. Deve prover os indivíduos não só, nem principalmente, de conhecimentos, idéias, habilidades e capacidades formais, mas também, de disposições, atitudes, interesses e pautas de comportamento. Assim, tem como objetivo básico a socialização dos alunos para prepará-los para sua incorporação no mundo do trabalho e que se incorporem à vida adulta e pública (THOMAZ, 2009, s.p.).

A parceria família x escola deve começar desse ponto de partida. A função da escola é promover a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, possui uma função pedagógica que não deve se limitar apenas ao brincar pelo brincar. Existe um lado tendencioso das escolas em expressar conceitos que muitas vezes não valorizam as produções das crianças e nem os conhecimentos de vida, deixando de lado as brincadeiras, as sensações naturais do corpo, controlando tudo o que se pode os espaços, o tempo, as reações, mantendo os corpos paralisados. Podemos ver muito dessas coisas já ao longo dos estágios realizados nas Instituições de Educação Infantil exigidos pela universidade.

É fundamental considerar toda a bagagem de vida trazida pelos alunos, buscando práticas pedagógicas mais prazerosas, que tragam seus alunos para si, e não que os afaste e transformem todos os momentos de aula em momentos de pura obrigação e tédio.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI):

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

- I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

Apesar disso, sabemos que as vontades e necessidades das crianças lhes são negadas em

muitos momentos. Durante uma atividade de roda, por exemplo, algumas crianças podem ter a necessidade de se levantar, mover ou dizer algo diferente do proposto, e isso nem sempre lhes é oferecido. Pior do que negar à criança uma manifestação gestual ou verbal, é lhe negar uma manifestação natural do corpo. Por muitas vezes, as crianças pedem para beber água, ir ao banheiro ou simplesmente adormecem durante uma história contada. O que recebem em resposta é que aquele não é o momento de nada daquilo. Como assim não é o momento? Pude presenciar isso algumas vezes durante o cotidiano na escola Roda Viva.

“A Expressão do corpo é incapaz de mentir. Podemos ler a verdade se soubermos ler a linguagem expressiva do movimento da face ou do modo de andar de cada homem” (REICH, 1986, p.26).

É claro que tudo possui um limite, afinal existe uma atividade em grupo a ser realizada com essas crianças, e precisamos de uma homogeneidade para que ela aconteça. Além disso, é compreensível a dificuldade da aplicação das rotinas na Educação Infantil. Mas temos o fato de que o corpo fala e precisa ser ouvido. Como negar a uma criança o ato de beber água se o corpo pede? Como negar a uma criança que ela durma, se os seus olhos fecham? Os adultos de uma forma geral, inclusive os educadores, parecem fechar os ouvidos e os olhos às necessidades das crianças, atrapalhando e interferindo no seu processo de amadurecimento individual.

Segundo Daniela Guimarães, temos que: “É a partir do reconhecimento das ideias, brincadeiras, interesses, medos e alegrias de cada criança que se constituem sua autonomia, autoestima e autoconfiança”. Este reconhecimento presentifica-se no olhar do adulto, na postura de acolhida e escuta, na organização do espaço (que revele as produções e interesses infantis). À medida que há possibilidade para experiências e objetos pessoais; para as ideias que a criança traz; para as escolhas dela, o vínculo com os adultos e com o espaço é fortalecido, assim como a percepção de si mesma como importante e capaz.

Ao mesmo tempo em que é escutada, a criança vai incorporando o desafio de escutar, considerar a presença e a ideia do outro, compreendendo a diversidade como riqueza (GUIMARÃES, 2005, p. 2).

Muitas vezes a escola tem dificuldade em ouvir as necessidades das crianças e não costumam levar em consideração suas vontades, como se não tivessem muita importância. Com a privatização da educação, as escolas particulares assumem, em muitos casos, o papel

de empresas, deixando de lado o que de fato é importante para a criança, dando lugar ao que os pais querem ver. Pude vivenciar isso durante o trabalho de final de ano das crianças, que se trata de uma feira importante com apresentações musicais, trabalhos realizados pelas crianças e afins. Acontece que as produções não eram realizadas para valorizar o trabalho da criança, mas sim para os pais verem. A prova disso é que diversos cartazes eram confeccionados pelos próprios professores regentes e auxiliares. Nesse momento a criança está construindo sua personalidade, experimentando sensações, demonstrando seus sentimentos anseios e desejos, é importante que isso seja visto.

Tiriba (2008) também diz que “a escola precisa recuperar a liberdade de movimentos que a vida na cidade grande e seu respectivo modelo de funcionamento escolar restringiram, impedindo as mais simples e fundamentais manifestações como correr, pular, saltar e etc.”.

As instituições e alguns profissionais da Educação Infantil trabalham presos a modelos onde o mais importante parece ser controlar e conter o grupo de crianças para reduzir o trabalho. Em segundo plano estaria a importância em atender e proporcionar momentos lúdicos onde as crianças se compreendam como sujeitos e compreendam o meio ao seu redor. É preciso haver uma ressignificação das práticas pedagógicas aplicadas. Há a necessidade de um processo educacional que trabalhe corpo e mente, já que estes atuam de mãos dadas. É imprescindível que se tome consciência do próprio corpo. Assim, será possível modificar as relações de forma intrínseca e extrínseca, enquanto seres humanos e educadores, perpassando assim, essa dimensão corporal para nossos alunos.

“Pressupõe concebermos o homem não como um produto final acabado, mas em contínuo processo de crescimento, como um organismo pleno, pulsante, energético, em busca de expressão. O homem é parte da natureza, é permanentemente movimento” (MOTA; CAMPOS, 2010, p. 10).

As práticas de cuidar, proteger e educar são puramente inseparáveis, elas se complementam. Não é possível separar o corpo da mente se um não trabalha sem o outro. Todos os processos educativos precisam da participação integral e ativa dos pais. Sem esse estímulo, provavelmente a criança não alcançará o desenvolvimento desejado, pois não se sentirá segura ou apoiada.

Quando uma criança se sente cuidada, aos poucos vai conquistando autonomia para testar seus conhecimentos e fazer sozinha a que antes fazia com a ajuda de alguém, até o momento em que atinge o ápice e passa a cuidar de si mesma cada vez em mais situações de seu cotidiano, alcançando sua independência.

Desse modo, a criança desenvolve o raciocínio, a imaginação, afetividade, pensamento e linguagem e tem a oportunidade de criar um conceito positivo de si mesma. Para que isso ocorra, é fundamental a existência de um vínculo entre a criança e quem cuida dela. Através dessas relações de cuidado, o professor pode perceber as expressões das crianças, dessa forma pode identificar quais são as suas vontades e necessidades e ajudá-las nesse processo. Muitas vezes o conteúdo que foi ensinado em sala de aula acaba por ser esquecido, mas as relações e situações por elas vividas costumam ser lembradas. Os valores ali perpassados serão levados adiante.

Da mesma forma como acontece na família, às experiências vivenciadas na escola vai funcionar de forma positiva ou negativa em suas vidas. A aprendizagem está acontecendo durante todo o tempo, dentro e fora da escola. É por esse motivo que quando não acontece à parceria entre as instituições família e escola, algo acaba por não funcionar no meio do caminho.

Capítulo 2

Localização da Escola

A Escola Roda Viva¹ encontra-se situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. É uma grande instituição e possui quatro prédios ao seu favor numa mesma rua que é separada de acordo com os seus segmentos. No primeiro prédio temos o funcionamento da educação infantil e do ensino médio. O espaço é bastante propício para o desenvolvimento infantil. É composto por uma grande área verde, ateliês com inúmeros materiais (muitos deles são recicláveis) com diversas possibilidades de exploração, biblioteca com um grande acervo e oferecimento de atividades lúdicas.

A Escola oferece o espaço ideal para os alunos exercitarem sua inteligência, explorando o mundo através dos sentidos e do movimento - característica dessa faixa de idade - além de aprenderem a dividir e a conviver. Para o ensino médio, o espaço permite vivências que ajudam a libertar o pensamento do real, permitindo a construção de teorias próprias. Agora o pensamento transita no campo do possível, onde pode formular hipóteses e construir sistemas e teorias.

No segundo prédio funcionam as aulas do horário extensivo e o setor de coordenação desse segmento, como também o setor de venda de material didático e uniforme. Nesse prédio se encontra também a sala de arquivos da escola, um lugar de extrema importância, contendo materiais de toda a história da instituição. No terceiro prédio temos a Secretaria da Escola, onde estão situados os setores financeiros, recursos humanos e de gestão. No quarto, último e maior prédio, estão situados o Ensino Fundamental e o Fundamental II.

Origem

A Escola Roda Viva foi fundada em 1970, num período turbulento da História do país e do mundo. Valores e comportamentos universalmente questionados à época

1 - O nome da escola é fictício e foi alterado por motivos de respeito ético.

provocaram mudanças nas escolas para que elas pudessem lidar com a formação do cidadão para os novos tempos.

A Escola Roda Viva foi participante daquele momento histórico e busca nos grandes teóricos da educação, entre eles o educador brasileiro Anísio Teixeira, a base para sua proposta educacional. A escola se inaugura com uma postura de permanente reflexão, com estudos sobre as teorias educacionais clássicas e as teorias contemporâneas sobre aprendizagem, tendo em vista as necessidades futuras da sociedade em que vão viver as novas gerações.

Preparar para a vida em um mundo em permanente transformação é o lema que norteia o trabalho pedagógico da escola que já dura quatro décadas. A instituição se mostra com uma postura de reflexão permanente, acompanhando os estudos sobre aprendizagem e incentivando que seus alunos se preparem para um mundo em vertiginosa transformação.

Em 1932, Anísio Teixeira foi um dos signatários mais destacados de um dos documentos mais importantes da história da educação no Brasil, o "Manifesto dos Pioneiros". O Manifesto defendia uma educação pública, gratuita, mista, laica e obrigatória, possibilitando a concretização do direito biológico à educação.

Anísio Teixeira apostava na educação para benefício e desenvolvimento de todos os indivíduos, voltada para a democracia e a liberdade de oportunidades. Criou um sistema educacional onde as escolas, além do currículo básico, propõem o acesso a aprendizagens sobre trabalho e à cultura ampla da humanidade, desenvolvendo o senso de responsabilidade, de ação prática e de criatividade.

A primeira unidade com esse modelo inspirado no pensamento de Anísio Teixeira foi instalada na Bahia, em Salvador, onde funciona até hoje e é reconhecida pela UNESCO como modelo educacional. Em 1957, Anísio Teixeira elaborou o plano de sistema escolar de Brasília, onde instalou outras escolas inspiradas nesse mesmo modelo. Em 1970, a Escola Roda Viva foi fundada no Rio de Janeiro, reiterando os ideais de educar para a vida e para a democracia.

A instituição tem como base as teorias construtivistas, que descrevem o desenvolvimento cognitivo do ser humano. A escola acredita que a educação escolar possibilita a ampliação do pensamento para além da acumulação de conhecimentos. A escola reconhece que para construir uma sociedade mais justa, democrática e tolerante há necessidade de formar jovens que saibam: compreender problemas, criar soluções, argumentar e estabelecer relações entre os conhecimentos, atuar sobre o entorno social, receber criticamente os meios de comunicação, localizar, acessar e usar responsabilmente a informação acumulada, planejar, trabalhar e decidir em grupo, aprender permanentemente.

A escola Roda Viva apresenta seus objetivos tais como:

- Educar para a aprendizagem permanente e para a produção de conhecimento.
- Educar para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e futuro, com valores éticos.
- Educar para uma participação atuante e responsável na sociedade.
- Formar para a prática da sustentabilidade socioambiental.
- Prover um ambiente social e intelectualmente estimulante para assegurar a motivação da comunidade escolar.
- Realizar gestão consistente e consciente para garantir a perenidade da escola com seus valores morais e intelectuais.

O maior e principal símbolo da Escola Roda Viva é o verde, plantas e árvores. A escola possui como parte de seu compromisso formar para a prática da sustentabilidade socioambiental. Ao longo do ano são realizados inúmeros projetos socioambientais e sustentáveis em todos os segmentos.

Projeto Político Pedagógico

Os conflitos vividos pela comunidade escolar são inúmeros, vão desde a gestão escolar até a relação da família com a escola. No caso da Escola Roda Viva esta é uma instituição educacional para a elite do Rio de Janeiro, visada por um público que possui um

alto poder aquisitivo e um alto grau de instrução. Isso acontece, pois a instituição é referência na vanguarda no que se refere ao pensamento sobre aprendizagem e se compromete em educar para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e futuro, com valores éticos, educar para uma participação atuante e responsável na sociedade, formar para a prática da sustentabilidade socioambiental, prover um ambiente social e intelectualmente estimulante para assegurar a motivação da comunidade escolar e realizar gestão consistente para garantir a perenidade da escola com seus valores morais e intelectuais. Essa proposta de ensino é bastante atrativa aos olhos dessa camada da sociedade, que valoriza a necessidade de se apropriar da atividade intelectual e de opções com certo refinamento, a fim de promover um investimento de diferenciação na vida acadêmica do filho.

“A necessidade de se apropriar da atividade intelectual e das técnicas refinadas de produção passou a compor o rol da divisão social do trabalho e, neste sentido, a classe dominante passou a compreender a Educação como elemento fundamental para a manutenção da desigualdade social, uma vez que os conhecimentos científicos e tecnológicos passaram a ser compreendidos como, cada vez mais necessários para o desenvolvimento do sistema produtivo” (SOARES, 2004; TONET, 2005, p. 16).

No entanto, sabemos que a prática do professor em sala de aula e as rotinas escolares, nem sempre permitem que a escola cumpra os seus compromissos de forma homogênea. Analisando o funcionamento e organização de todos os prédios de forma superficial, pude notar que apesar da proposta pedagógica ser uma só, as coordenações e professores de cada segmento, atua muitas vezes, de forma heterogênea.

A autonomia da criança como parte da construção da aprendizagem, que faz parte do compromisso escolar, por exemplo, muitas vezes não é concedida. Isso pode ocorrer por uma forma particular de cada orientador trabalhar ou por alguma falta de preparo do profissional dentro dos preceitos e propostas da instituição. Existem também muitos profissionais com falta de preparo pedagógico lidando com as crianças em vários momentos ao longo do dia. Inspectores, babás, professores do horário extenso. Isso acaba prejudicando o desenvolvimento do trabalho psicopedagógico realizado pelo curricular, que em contrapartida não parece fazer muita questão de se aliar a coordenação do outro

segmento. Essa quebra de paradigma vai completamente contra a parceria e compromisso que a escola deve ter com a família de seu aluno.

A Escola Roda Viva promete uma Educação em constante movimento, preparar o aluno para um mundo em transformação para os novos tempos e auxiliar na construção de uma sociedade mais justa. Infelizmente, instituições educacionais privadas se encontram numa mesma contradição: Escola x Empresa e acabam não colocando em pauta as questões e consequências que trazem a privatização do ensino.

O investimento do setor privado em Educação toma proporções ainda maiores se analisadas as instituições de ensino superior. Existe uma exclusão progressiva efetivada pelo sistema educacional na medida em que a maioria da população fica sem alternativas para ingressar em uma universidade de ensino superior pública (a não ser atualmente com as cotas), por um motivo: o ensino público de base é precário e não consegue prover ao aluno de condições para que passe pela barreira social representada pelo vestibular, ainda mais se considerar que este mesmo aluno entre em disputa com os da escola particular, que conta com uma estrutura moderna e voltada para a inserção no mercado de trabalho.

“A exclusão gerada pelo sistema superior de Educação não parece afligir a elite brasileira. O gasto com Educação é uma realidade nas camadas alta e média da população. Dados apresentados em uma pesquisa realizada em todo o território nacional, com o objetivo de mapear a exclusão social no país, mostram que gastos com Educação correspondem a 4% do orçamento das famílias mais ricas do Brasil (POCHMANN; COLS, 2004, p. 141).

Assim, o alto investimento que as camadas médias e altas da população empregam nas instituições de ensino privado, como a Escola Roda Viva, facilitam sua abertura, representando um processo de mercantilização do sistema educacional. Este, encontra sua origem na desvalorização do sistema público e na monopolização de verbas do Estado por parte de uma elite que é considerada "parceira" do governo na aplicação financeira de projetos educacionais.

Desse modo, o processo contribui para que se mantenha uma situação extremamente confortável a elite, que assegura uma educação de qualidade, conforme a exigência do

mercado, aos seus filhos, os mantendo distantes da camada desfavorecida. Essa situação vai completamente contra a essência do projeto político pedagógico da instituição em questão, que teve sua base de apoio fundamentada no “Manifesto dos Pioneiros”. Este, como dito anteriormente, defendia uma educação pública, gratuita, mista, laica e obrigatória, possibilitando a concretização do direito biológico à educação.

Segundo FREIRE (1973), a Educação pode dirigir-se a dois caminhos: para contribuir para o processo de emancipação humana, ou para domesticar e ensinar a ser passivo diante da realidade que está posta. Assim, a educação deve também ter agentes que se posicionem diante da realidade, que optem pela construção de um saber comprometido com a maioria popular, ou que fiquem alheios a essas questões e contribuam para a manutenção das desigualdades. Para a realização de uma Educação Emancipadora, é preciso que se considere a posição dos educadores, funcionários, alunos e suas famílias na estrutura produtiva.

Considerações finais

Este estudo nos certifica de que é na base familiar que a criança tem a oportunidade de adquirir suas primeiras aprendizagens e aquisições de valor. Estes, por muitas vezes são transmitidos e aspirados de forma inconsciente. Evidencia-se que o relacionamento entre pais e filhos deve ser cultivado com carinho, atenção, diálogo e participação, estabelecendo assim, a partir dos elos afetivos e da confiança, os valores e limites nos quais se norteiam as relações e respeitando assim, o tempo e a capacidade individual de cada criança, valorizando suas produções. Os pais devem sempre estimular a criança em seu crescimento cognitivo e emocional.

Concretiza-se a ideia de que a participação da família no contexto escolar é fundamental. Ainda com todas as transformações vivenciadas e enfrentadas pelas famílias contemporâneas, que possuem os papéis maternos e paternos alterados e mais ausentes, entende-se que a união dessas duas instituições sociais tão importantes no processo educativo será o melhor caminho a percorrer para que a criança atinja o seu ápice no que diz respeito ao desenvolvimento.

Cada indivíduo possui o seu próprio meio social e cultural e experiências individuais que devem ser levadas em conta no ambiente escolar. É preciso que o educador use as experiências de seus alunos como um ponto norteador, pois essa estratégia pode se tornar um catalisador em despertar o interesse do aluno e acelerar o seu processo de aprendizagem.

Educar é um desafio a ser vencido dia a dia e deve ser incorporado pelas famílias que ao lado das escolas, vão ter a oportunidade de encontrar novas e boas estratégias e assim atingir os objetivos de uma educação completa, baseada na autonomia e senso crítico, apostando em valores éticos, afetivos e morais, atingindo um bom desenvolvimento cognitivo. O resultado disso seria uma sociedade com indivíduos bem resolvidos e autônomos.

Por fim, a escola também se juntando as famílias, pode promover seres pensantes e ativos através de uma educação integral para seus alunos, aparando todas as arestas que se fazem necessárias no importante e complexo processo que é educar um indivíduo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Da Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/ SEF, 1998. V. 2. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/discussao-sobre-o-conceito-de-educacao-1076336.html>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. História das idéias pedagógicas. São Paulo: Ática, 2004.

GUIMARÃES, D. As manifestações infantis e as práticas pedagógicas. Artigo produzido para a participação no III Seminário de Educação Infantil da AFASC: Refletindo questões atuais da Educação Infantil. Criciúma – SC, em Fevereiro de 2004.

MOTA, M. V.; CAMPOS, J. C. A energia corporal ressignificando as relações pedagógicas: lições de Reich para a educação. In: DAMIANO, G., PEREIRA, L.H e OLIVEIRA, W. (Orgs). Corporeidade e Educação: Tecendo sentidos. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010.

POCHMANN, M; BARBOSA, A; CAMPOS, A; AMORIN, R e ALDRIN, R. (Orgs.). Atlas da exclusão social: a exclusão no mundo. V. 4. São Paulo: Cortez, 2004a.

ROBIN, P. L'Éducation Intégrale. O Amigo do Povo, São Paulo, 24/10/1903. Jornal anarquista publicado de 1902 a 1904, em São Paulo, sob a responsabilidade de Neno Vasco.

SOARES, R. D. Educação, reprodução e luta ideológica. Marx, Lenin, Gramsci e a escola. In BOITO JR. A.; TOLEDO, C. N. (Org.) Marxismo e ciências humanas. São Paulo: Xamã, 2003, p. 3: 11-327, 2001.

THOMAZ, J.R. A Função da escola em organizar-se pensando na formação do aluno. 2009. Disponível em: <[HTTP://www.webartigos.com/articles/27997/1/A-FUNCAO-DA-ESCOLA-EM-ORGANIZAR-SE-PENSANDO-NA-FORMACAO-DO-ALUNO/página1.html](http://www.webartigos.com/articles/27997/1/A-FUNCAO-DA-ESCOLA-EM-ORGANIZAR-SE-PENSANDO-NA-FORMACAO-DO-ALUNO/página1.html)>. Acesso em: 16 fev. 2016.

TIRIBA, L. Crianças, natureza e educação infantil. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.